



leia

boletim informativo do Siresp

nº 333

Cadeia Petroquímica e do Plástico, Economia e Política, Sustentabilidade, América Latina e Mundo • 26 de Fevereiro de 2009 • Ano 4

Cadeia Produtiva

Braskem espera recuperação da demanda no segundo semestre de 2009

Há sete meses no comando da maior petroquímica da América Latina, a Braskem, o engenheiro civil Bernardo Gradin se viu tendo que enfrentar uma crise financeira mundial sem precedentes. O executivo acredita que a vida comece a voltar aos poucos ao normal no segundo semestre de 2009, após o enxugamento do crédito no mercado – que provocou um forte movimento de desestocagem. Gradin, em entrevista concedida à Gazeta Mercantil, fala do cenário mundial e dos planos da companhia petroquímica para se tornar um concorrente global até 2020. Leia a entrevista na íntegra no final desta edição do Leia!

Petrobras dá início ao sonho de Tupi

A Petrobras vai dar início em março à odisséia de Tupi, com testes de longa duração que vão dar a dimensão definitiva da megaprovincia petrolífera descoberta pela companhia abaixo da camada de sal da bacia de Santos. Com os testes, técnicos da empresa vão poder responder às perguntas que todo brasileiro quer ver respondidas desde novembro de 2007, quando a descoberta foi anunciada. O País saberá se o anúncio feito há dois anos pela ministra da Casa Civil, Dilma Rousseff, não passou de um engano pré-eleitoral ou se o Brasil se tornará o mais novo emirado tropical. A Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP) nega oficialmente, mas especialistas do setor que convivem com técnicos do órgão regulador já ouviram - mais de uma vez - que a nova província inclui o reservatório de Tupi, apresenta reservas potenciais de 100 bilhões de barris. A título de comparação, a Arábia Saudita, ainda hoje (26) o maior manancial de hidrocarbonetos do planeta dispõe de reservas provadas da ordem de 250 bilhões de barris. Oficialmente, a Petrobras e o governo trabalham com estimativas de 5 a 8 bilhões de barris de potencial, só no campo de Tupi. Mesmo essa fração representa praticamente a metade do total de reservas comprovadas do País (de 13,920 bilhões de barris de petróleo e gás, segundo o critério utilizado pela ANP). Apesar das dúvidas que ainda persistem, especialistas do setor, como o consultor Armando Guedes Coelho, ex-presidente da Petrobras, identificam no pré-sal potencial para alavancar o Brasil ao patamar da Arábia Saudita. Outros mais céticos, no entanto, preferem aguardar os testes que se iniciam no próximo mês, em Tupi, para arriscar um palpite. Informou a Gazeta Mercantil.

Negócios para o Plástico

Víqua Indústria de Plástico projeta crescimento em 25%

A Víqua Indústria de Plástico, de Joinville, com perspectiva de que o segmento de materiais de construção cresça em média 3% a 4%, em 2009, mantém as expectativas de ampliação do seu faturamento anual em 25%. Para atingir a meta, a empresa lança em março dois produtos na linha casa e decoração, além de definir novo posicionamento da marca no segmento de materiais de construção. Seus produtos são para os setores de irrigação, infraestrutura, jardinagem e acabamento. "Estamos adotando melhorias no relacionamento com o comércio e separando o nosso portfólio em três linhas: casa e decoração, predial e irrigação. Assim teremos mais foco no mercado" afirma Daniel Alberto Cardozo Júnior, diretor da Víqua. Informou o portal Parashop.

Indústrias acreditam no potencial do Brasil

Enquanto na Europa e Estados Unidos o negócio de água engarrafada está secando, no Brasil, tem atraído investimentos. A Nestlé comprou, em dezembro, a fonte Santa Bárbara, no interior de São Paulo. A aquisição e os investimentos previstos nos próximos cinco anos somarão R\$ 100 milhões. Já a Danone estreou no segmento em agosto, com a marca Bonafont. As duas empresas - que engarrafam seus produtos com embalagens de plástico - estão de olho em um mercado pouco desenvolvido por aqui. Cada brasileiro bebe, em média, 45 litros de água mineral ao ano, segundo a Danone. No México, o consumo anual é de 137 litros e na Argentina, de 70 litros. A Nestlé anunciou ontem (25), um corte de US\$ 236 milhões (26%) no investimento mundial em água mineral. Mas ressaltou, no entanto, que não está desistindo do negócio e que a marca Pure Life (mais barata) ainda tem forte crescimento. Informaram a Reuters e o Valor Econômico.

Armazene seus discos em caixas de plástico rígido para que durem mais

O fator crucial na durabilidade dos seus discos é o modo como são guardados. Exatamente como óculos, eles precisam de proteção e cuidado ou vão se estragar. Uma caixinha fina demais ou feita com plástico de baixa qualidade, que entorta com a ação do tempo, vai inevitavelmente afetar o disco. No caso de CDs, é importante investir nas caixinhas compostas, feitas com um "berço" de plástico rígido recoberto por acrílico. É o tipo de caixinha que acompanha a maioria dos CDs de música que vêm com encarte. Caixinhas fininhas ou envelopes de papelão não são ideais, pois podem entortar e acabar empenando o disco. E se o disco não estiver perfeitamente reto, ele acaba vibrando tanto que pode esvaecer dentro do leitor ou prejudicar o alinhamento do canhão emissor de laser. Nos DVDs, as caixinhas mais baratas, feitas com plástico de segunda, sempre entortam. A caixinha precisa ter uma espessura decente e o plástico precisa ser resistente. Faça o teste: se a caixinha se dobrar com muita facilidade e não voltar à forma original, esqueça. Informou a Agência Estado.

Movimentos da Indústria

Indústria perde exportação e reduz compra de insumos

Uma análise mais detalhada da balança comercial no mês de janeiro revela dois indicadores preocupantes para a indústria brasileira: forte queda das exportações do setor e das compras de insumos no exterior. A quantidade exportada de manufaturados sofreu um tombo de 38,4% em janeiro em relação a janeiro de 2008. Na mesma comparação, o volume importado de bens intermediários caiu 28,5%. Os dados são da Fundação Centro de Estudos do Comércio Exterior (Funcex). "É uma consequência inevitável da recessão nos parceiros", disse Júlio Callegari, economista do J.P. Morgan. O banco estima queda de 2% para a economia dos Estados Unidos em 2009 e de 0,8% para a América Latina, regiões que respondem por mais de 70% das exportações brasileiras de bens industriais. Já para Francisco Pessoa, economista da LCA Consultores, as vendas externas de manufaturados devem cair este ano, mas não tanto. "Com tamanha incerteza, as empresas não conseguiram fechar os contratos. Além disso, a desvalorização do câmbio motivou discussões entre exportadores e importadores", disse. Os economistas enxergam três motivos para a forte queda no volume importado de insumos e matérias-primas para a indústria: a crise prejudicou a produção, as empresas estão consumindo seus estoques de bens intermediários, e há alguma substituição de bens importados por nacionais. Os dados de janeiro apontam outro indicador preocupante para a balança comercial. Os preços das exportações brasileiras caíram 3,1% em relação a janeiro de 2008, primeira queda nessa comparação desde dezembro de 2002. É um sinal de que os preços deixaram de sustentar o resultado das exportações brasileiras. Informou o Valor Econômico.

SIRESP

Sindicato da Indústria de Resinas Plásticas



leia

boletim informativo do Siresp

Sustentabilidade

Pedido para reciclar

A Primeira Turma do Supremo Tribunal de Justiça (STJ) negou o recurso da empresa Santos e Paccini - Fineplast em que pedia autorização para atuar na atividade de reciclagem de embalagens de agrotóxicos. A empresa recorreu de uma decisão que considerou estar a concessão de licença ambiental condicionada à celebração de termo de compromisso com o Instituto Nacional de Processamento de Embalagens Vazias (Inpev). No STJ, a Fineplast alegou que a Resolução Conama n 334, de 2003, ao exigir o termo de compromisso com o Inpev para o licenciamento, inovou o ordenamento jurídico e conferiu a uma entidade privada o poder de decidir quais empresas poderiam atuar na atividade. A relatora, ministra Denise Arruda, julgou que o responsável pelo destino final das embalagens vazias de agrotóxicos é o fabricante ou o importador. No exercício dessa obrigação, as empresas produtoras e comercializadoras de agrotóxicos, únicas responsáveis pela destinação final dessas embalagens. Informou o Valor Econômico.

Política e Economia

Analistas reduzem projeção do IPCA deste ano para 4,66%

Analistas do mercado financeiro voltaram a reduzir a projeção para a inflação deste ano. Segundo o boletim Focus, do Banco Central, a estimativa para o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) caiu de 4,69% para 4,66%. Para 2010 foi mantida a previsão de 4,5%. Para a inflação no atacado, os analistas também ajustam as projeções. A inflação medida pelo Índice Geral de Preços - Disponibilidade Interna (IGP-DI) deve chegar a 4,55% no fim deste ano e não mais em 4,57% previstos na semana anterior. No caso do Índice Geral de Preços de Mercado (IGP-M), a previsão é de 4,24%, com redução de 0,01 ponto percentual. Para os dois índices foi mantida a estimativa de 4,5% no fim de 2010. Os analistas também mantiveram a expectativa para os preços administrados em 2009 de 4,9% e de 4,5% em 2010. Os preços administrados referem-se aos valores cobrados por serviços monitorados (combustíveis, energia elétrica, telefonia, medicamentos, água, educação, saneamento, transporte urbano coletivo e outros). Informaram a Agência Brasil e o Valor Econômico.

Desemprego atinge 8,2% em janeiro

O nível de desemprego nas seis maiores regiões metropolitanas do País subiu em janeiro e fechou o mês em 8,2%. O resultado superou em 1,4 ponto percentual o número verificado em dezembro de 2008 (6,8%) e representa a maior taxa desde abril do ano passado (8,5%), de acordo com dados divulgados na última sexta-feira (20) pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O número de pessoas desocupadas cresceu 20,6% na passagem de um mês para o outro, totalizando 1,9 milhão de pessoas em janeiro. Já em relação ao mesmo mês de 2008, esse volume se manteve no mesmo patamar. Ainda segundo o estudo, o número de trabalhadores com carteira assinada, 9,5 milhões, caiu 1,3% em relação a dezembro e cresceu 4,5% na comparação anual. Já o rendimento médio ficou em R\$ 1.318,70, tendo subido 2,2% no mês e 5,9% na comparação com janeiro de 2008. Em janeiro, os setores que mais demitiram, na comparação com o mês anterior, foram o da construção (-4,7%) e do comércio, reparação de veículos automotores e de objetos pessoais e domésticos e comércio a varejo de combustíveis (-2,5%). Já em relação a janeiro de 2008, as contratações superaram as demissões em educação, saúde, serviços sociais, administração pública, defesa e seguridade social (5,1%). Informaram Gazeta Mercantil e Agência Brasil.

América Latina

Comércio bilateral tem forte queda

O forte declínio do comércio com o Brasil (51% nas exportações e 54% nas importações) no primeiro mês de 2009 fez com que o Mercosul perdesse posição como principal sócio comercial da Argentina para a União Europeia (UE). Enquanto o comércio da Argentina com o bloco Brasil-Paraguai-Uruguai somou US\$ 723 milhões, o volume negociado com a UE totalizou US\$ 732 milhões, ainda que as exportações para os europeus tenham registrado contração de 28%. A análise é da consultoria Abeceb.com e foi feita com base nas estatísticas de janeiro, divulgadas pelo Instituto Nacional de Estatísticas e Censos da Argentina. Para Maurício Claveri, analista de comércio exterior da Abeceb, no caso de Brasil e Argentina, os governos vão encontrar uma maneira de contornar a situação, fazendo prevalecer o aspecto político da união aduaneira. No entanto, ele acredita que a Argentina vai se apoiar cada vez mais no déficit de sua balança comercial com o Brasil, que já dura 70 meses consecutivos e ultrapassa US\$ 4 bilhões. Informou o Valor Econômico.



leia

boletim informativo do Siresp

Mundo

Repsol YPF anuncia lucro reduzido em 2008

O grupo petrolífero espanhol Repsol YPF anunciou hoje (26) um lucro líquido 15% menor em 2008, a 2,711 bilhões de euros (US\$ 3,45 bilhões), com um prejuízo de 105 milhões de euros (US\$ 133 milhões) no quarto trimestre. "O lucro líquido foi 15% inferior ao de 2007, pela queda brusca dos preços do petróleo e da atividade econômica", afirma a empresa em comunicado. Em 2007, o lucro líquido foi de 3,18 bilhões de euros. Informaram agências internacionais.

Água de torneira ameaça multís

Há poucos anos, as gigantes do setor de bebidas apostavam em um grande futuro para a água engarrafada. Com as vendas nos Estados Unidos crescendo quase a dois dígitos, a água engarrafada era uma alternativa moderna e saudável aos refrigerantes gaseificados. Mas a recessão e uma reação ambiental contra as garrafas plásticas levaram o crescimento nesse negócio de US\$ 12 bilhões a cair para 2% no ano passado, com a empresa especializada Euromonitor prevendo queda para este ano. "Os principais problemas são a economia e o meio ambiente", diz Gary Hemphill, vice-presidente da consultoria Beverage Marketing, de Nova York. Agora, os concorrentes dominantes como Coca-Cola, PepsiCo e Nestlé estão tentando reverter esse declínio. Estão lançando novos sabores promovendo marcas mais baratas e tentando adotar uma consciência ecológica maior, num esforço para conter o apelo crescente da água de torneira. Mas poderá ser uma batalha difícil, especialmente nos mercados desenvolvidos, onde os consumidores estão cada vez mais preocupados com os custos energéticos e a poluição gerada pela água engarrafada. Uma tática é enfatizar os produtos que oferecem algo mais que apenas água. A Coca-Cola ampliou seu portfólio de águas em 2007, com a aquisição por US\$ 4,1 bilhões da Glacéau, produtora da "vitaminwater" (água vitaminada). Agora, acaba de lançar uma versão com sabor de sua água filtrada Dasani, chamada Dasani Essence. Penny McIntyre, que comanda a divisão de chás, cafés e água da Coca-Cola North America, diz que o objetivo é fornecer aos consumidores opções que acrescentam sabor, mas não calorias. A PepsiCo, dona da Aquafina, lançou recentemente uma versão de sua SoBe Lifewater (com vitaminas e ervas) que tem estévia, um adoçante natural e sem calorias recentemente aprovado pelo Food & Drug Administration (FDA). A Nestlé, dona das marcas Perrier, Poland Spring e Arrowhead, está se concentrando mais em sua marca de baixo custo PUre Life. Enquanto as fabricantes de bebidas apresentam suas credenciais "verdes" usando menos plásticos e reciclando mais, fica mais difícil convencer os consumidores a pagarem por um produto que podem encontrar na torneira de casa. As companhias temem que hábitos formados agora persistam assim que a economia se recuperar. Informou a Business Week.

Esperança de reaceleração chinesa é cada vez menor

A esperança de uma recuperação mais rápida da economia da China está começando a desmoronar, num abalo ao otimismo que ajudou a fazer do mercado acionário do país o de melhor desempenho do mundo. Nas últimas semanas, algumas empresas e investidores haviam considerado um aumento no crédito bancário e uma virada para cima nos preços do aço - um indicador importante da economia chinesa - como sinais de que um enorme programa de estímulo do governo já estava tendo efeito. Mas agora os preços do aço voltaram a cair e um exame mais atento dos recentes dados bancários sugere que muitos dos empréstimos não vão alimentar o crescimento econômico imediatamente. Ao mesmo tempo, o comércio exterior continuou a se contrair, por causa da contínua queda da demanda americana e europeia pelas exportações chinesas e as empresas e famílias da China passaram a comprar menos bens importados. O resultado disso tudo é que uma verdadeira retomada da economia chinesa pode ainda demorar. "Uma recuperação sustentada na China depende de notícias melhores ao redor do mundo", diz Bruce Kasman, economista-chefe do JP Morgan. O governo chinês colocou 230 bilhões de yuans (US\$ 34 bilhões) em projetos de estímulo até agora, com mais a caminho. Muitos economistas acham que levará tempo para que isso repercuta na economia e não esperam grandes efeitos até o segundo semestre. Informou o Valor Econômico.

Amorim reúne-se com Hillary para preparar visita de Lula

O ministro das Relações Exteriores, Celso Amorim, encontrou-se ontem (25) em Washington com a secretária de Estado dos EUA, Hillary Clinton. Foi a primeira vez desde a posse do presidente Barack Obama, em janeiro, que duas autoridades de primeiro escalão dos países se reuniram. Oficialmente, a reunião foi para preparar a visita que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva fará aos Estados Unidos daqui a menos de um mês (no dias 16 e 17 de março). Mas esse não foi o único assunto da reunião. Embora não houve confirmação oficial das duas partes, é tido como certo que Amorim levou a Hillary a preocupação do governo brasileiro com as recentes medidas de estímulo ao setor produtivo americano, cujo ponto mais polêmico é o "Compre América" ("Buy America"), que atingirá as exportações brasileiras de produtos siderúrgicos. O programa prevê que as compras realizadas pelos Estados Unidos para o programa de reativação econômica sejam feitas prioritariamente dentro do país. Segundo o Itamaraty, "a visita será oportunidade para examinar com a nova secretária de Estado os caminhos para aprofundar as relações bilaterais, interesse comum já manifestado pelos presidentes Lula e Obama em conferência telefônica. Amorim assinalou, em nota, que Hillary assume seu cargo em "um momento particularmente propício das relações entre Brasil e Estados Unidos" e manifesta sua "certeza" que trabalharão juntos "para reforçar a amizade" entre ambos os países. Hoje (26), Amorim estará reunido com o presidente da França, Nicolas Sarkozy, no Palácio do Eliseu, em Paris e à noite tem encontro de trabalho com o ministro dos Negócios Estrangeiros, Bernard Kouchner. Informaram PanoramaBrasil e DCI.

Cotação

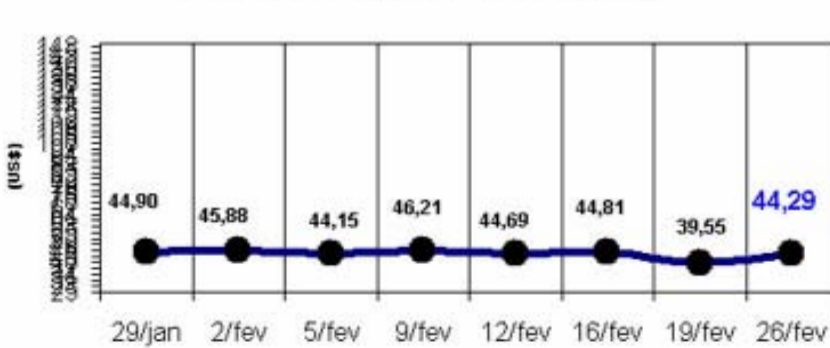
Barril sobe 6% e fecha a US\$ 42,50 em NY

Os preços do petróleo fecharam em forte alta ontem (25) em Nova York, ganhando mais de 6% depois da publicação de um relatório mostrando um aumento dos estoques semanais norte-americanos e diante de uma Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep) deseja de se conformar com as próprias cotas. Na bolsa nova-iorquina, o barril de petróleo WTI para entrega em abril fechou a US\$ 42,50, um aumento de US\$ 2,54 em relação ao fechamento de terça-feira (24). Trata-se do segundo aumento consecutivo. Na bolsa de Londres, o barril de Brent do Mar do Norte com igual vencimento ganhou US\$ 1,79, fechando a US\$ 44,29. Informaram agências internacionais.

Cotação do Barril Tipo WTI (Nova York)



Cotação do Barril Tipo Brent (Londres)



Agenda

Tecnologias sustentáveis

De 12 a 15 de março acontecerá em São Paulo o Ecogerma, evento que reúne congresso e feira de negócios de produtos e tecnologias sustentáveis. Realização conjunta entre Brasil e Alemanha na América Latina, o Ecogerma vai reunir 150 expositores, entre empresas brasileiras e alemãs, instituições, centros de pesquisa e representantes dos governos dos dois países. E a expectativa é que 80 mil pessoas visitem o evento. O Ecogerma acontecerá no Transmética ExpoCenter, av. Nações Unidas, 18591, em São Amaro - São Paulo, SP. Mais informações pelo site www.ecogerma.com e inscrições pelo email mambiente@ahkbrasil.com, ou telefone (11) 5187-5148.

Curso de embalagens para alimentos e bebidas

O Instituto de embalagens promove o curso Embalagens para Alimentos e Bebidas na sede da Associação Brasileira das Indústrias Alimentícias (Abia), entre os dias 30 de março e 3 de abril, em São Paulo. Com carga horária de 40 horas, o curso abrange processos de transformação e impressão, rótulos, adesivos, tendências, meio ambiente, máquinas de envase e diversos materiais empregados. Informações pelo e-mail: atendimento@institutodeembalagens.com.br ou pelo telefone (11) 3431-0727.

**Redução do crédito muda ordem do mercado****Entrevista com Bernardo Gradin, presidente da Braskem. Fonte – Gazeta Mercantil**

Ninguém diria que assumir o comando da maior petroquímica da América Latina seria uma tarefa simples. Mas o engenheiro civil Bernardo Gradin não esperava ter de enfrentar tantos problemas em tão pouco tempo. Em sete meses o executivo teve seu batismo de fogo, pegando uma crise financeira mundial sem precedentes exatamente no momento em que a empresa havia acabado de realizar um investimento para expansão de capacidade. Cauteloso, ele segue na expectativa de que, depois do enjugamento do crédito no mercado, que provocou um forte movimento de desestocagem, a vida comece aos poucos a voltar ao normal, com retorno da demanda até o segundo semestre. E apesar de tudo, ele aposta que até 2020 a companhia já esteja pronta para se firmar como um player global. A seguir trechos da entrevista concedida por Gradin à Gazeta Mercantil.

Gazeta Mercantil - Como a crise afetou o setor petroquímico?

Gradin - Um dos efeitos mais fortes da crise foi o sumiço do crédito, que provocou uma desestocagem na cadeia produtiva. Isso ocorreu porque em cadeias longas as empresas buscam as vias mais rápidas para fazer caixa. E o que vimos no final do ano foi um encurtamento do capital de giro dentro da cadeia petroquímica que levou a uma redução natural de produção. Esse efeito de desestocagem teve amplitudes e velocidades diferentes em cada país. Nos EUA, onde a cadeia é mais longa, eles passaram mais tempo nesse processo, já na Ásia a desestocagem foi mais curta. Com o sumiço do crédito muitos fluxos sumiram também, como crédito para exportação. E quando há situações assim, quando muitos tomam uma atitude mais conservadora, porque ou não tem crédito ou acham que não vai ter, a demanda tende a sumir.

Gazeta Mercantil - Esse cenário o surpreende?

Gradin - Ele causa surpresa sim, porque muitos não sabem a real dimensão. Mas muitas empresas vão ficar no meio do caminho. Nós já temos alguns anúncios da China, onde muitas empresas quebraram e nos Estados Unidos e Europa isso deve vir a acontecer também.

Gazeta Mercantil - No Brasil isso também deve acontecer?

Gradin - O Brasil vive uma situação privilegiada, porque já vivemos outras crises antes. Estamos mais preparados. O sistema financeiro brasileiro foi mais cauteloso no modelo de alavancagem. Não tem ativos tóxicos nos bancos e o Banco Central teve um cuidado com o sistema financeiro. A regulação no Brasil talvez seja mais evoluída que em outros lugares. E os bancos são mais sólidos, além de serem mais conservadores na defesa do caixa. O governo também agiu de forma rápida, na questão do compulsório. E as medidas tomadas no curto prazo foram muito rápidas, o crédito já está voltando mais rápido que em outros países. Mas fomos muito atingidos pela queda da demanda internacional e, para um país que exporta muitas commodities o movimento só vai voltar no final do semestre.

Gazeta Mercantil - Já dá para fazer alguma previsão para os negócios?

Gradin - Nos próximos dois ou três anos viveremos um processo de acomodação. No final do semestre saberemos qual a demanda real do mercado, tirando os efeitos da desestocagem. Alguns segmentos sentiram mais que outros. As commodities sentiram mais rápido.

Gazeta Mercantil - E como está o mercado de resinas especificamente?

Gradin - O mercado de resinas estava muito bom, mas depois de outubro ele passou a viver o que o mundo inteiro está vivendo. Isso obrigou as empresas a se adaptarem. Na Braskem, diminuímos a produção e mantivemos até janeiro uma carga reduzida, mas em fevereiro já retomamos a uma carga mais apropriada e até o final de março devemos voltar ao patamar de outubro. O que quer dizer que o processo de desestocagem atingiu o fim.

Gazeta Mercantil - Mas como estão os negócios?

Gradin - Hoje a Braskem praticamente financia o capital de giro de alguns clientes, porque os bancos fecharam as portas para eles. Os mecanismos que usamos foi o prazo, que passou a ser concedido até aos clientes que antes nunca precisaram. A cadeia sentiu não só o enjugamento da liquidez mas também o aumento do spread, que ainda está muito alto. O juro para o setor produtivo ainda está acima da média. Isso obviamente não ajuda a retomada.

Gazeta Mercantil - Quais são as suas expectativas?

Gradin - Temos expectativa de que o programa chinês de investimento em infraestrutura deva pegar maior velocidade e o país asiático cresça em torno de 6% este ano. A Braskem exporta 32% do que produz e em receita chega a 20% a 25%. A China representa menos de um terço, mas, quando ela volta, todo o mercado volta ao equilíbrio. Assim como os EUA.

Gazeta Mercantil - E o mercado brasileiro? Vocês pretendem ocupar espaço da importação?

Gradin - Claro, e acho que o câmbio vai ajudar. As importações só tomaram espaço graças à valorização do real. Com a inversão, o vetor mudou e a competitividade brasileira virou. O Brasil está muito mais competitivo. Além do câmbio também existe um reequilíbrio mundial entre oferta e demanda. Assistimos unidades fechando nos EUA ou entrando em concordata e, ao mesmo tempo, o Oriente Médio entra com produção nova. Depois de todo o movimento de desestocagem, enjugamento de crédito, as fábricas menos produtivas e competitivas devem abrir espaço para outros concorrentes mais aptos e deve surgir um novo equilíbrio na oferta mundial.

Gazeta Mercantil - Depois de um caos uma nova ordem se instalará?

Gradin - Muda a configuração mundial. Na minha leitura nós devemos ver mudanças em vários jogadores mundiais. Oriente Médio, Índia e Brasil devem assumir novas posições na petroquímica mundial no lugar de empresas americanas e européias. Uma tendência de rearranjo que vai beneficiar países em melhor situação.

Gazeta Mercantil - Nesse sentido, o Comperj se torna interessante? Vocês pensam em investir?

Gradin - Esse assunto interessa, sem dúvida. E a Petrobras como única fornecedora da petroquímica tem papel mais do que estratégico. Tem a visão de abastecimento do mercado brasileiro e da região, para que seja de fato cumprida e ao mesmo tempo pode prever a forma e o tempo para esse projeto se materializar. Assim, a indústria brasileira pode ser estimulada a investir. Acho que a Petrobras deve criar um novo modelo onde ela patrocine uma nova oferta e, ao mesmo tempo, mantenha as indústrias instaladas no Brasil, das quais ela participa, estimuladas a continuar investindo. Investindo em modernização, ampliação e desenvolvimento tecnológico. Se o Comperj nasce com viés exportador, com perfil competitivo, faz todo sentido. Mas este é um passo que a Petrobras deve deixar claro e ela está fazendo isso. O diálogo é bom e transparente. O projeto do Comperj já foi anunciado há muito tempo. E as atenções antes voltadas para consolidação da indústria talvez não tenham permitido, mas agora é um outro momento, onde as empresas estão se posicionando junto à Petrobras para que tenhamos uma agenda nacional. Em momentos como este o Brasil tem de promover a livre competição com cuidado de que promovamos a livre iniciativa para investir.

Gazeta Mercantil - Mas conquistar o mercado internacional será fácil na situação atual?

Gradin - Precisaremos ter cuidado porque vamos assistir, tanto nos EUA como Europa, movimentos protecionistas. O movimento Buy American já é expresso publicamente na televisão, para proteger os empregos americanos. Vamos viver um momento em que os governos assumem o sistema bancário e o processo de recuperação da confiança é algo novo. Neste momento, o contribuinte que esteja participando deste novo momento de restabelecimento pode cobrar do governo que o dinheiro tem de proteger empresas locais. E devemos nos próximos meses atuar de forma pró-ativa promovendo o livre comércio e não apenas assistindo que outros promovam protecionismo. É por aí que eu acho que a Petrobras tem um papel importante.

Gazeta Mercantil - Como ficaram os planos da Braskem para 2009 com a crise?

Gradin - Nossos planos não mudaram. O que muda é que a empresa não inicia tudo no dia 1º de janeiro e termina no dia 31 de dezembro. Pretendemos fazer um arranjo segundo o qual o desembolso do investimento vem com atratividade do próprio investimento e o retorno rápido. Ou seja, todo investimento que tem um retorno mais rápido, em torno de um ano, está sendo tocado. Os investimentos em modernização dos ativos, saúde, segurança e meio ambiente nenhum deles parou. São os projetos de cinco anos. Os projetos estruturantes, como ampliações, estes passaram a ter outros condicionantes, mas não quer dizer que pararam. Porque como temos compromisso com acionistas de rigidez financeira, mantemos o desembolso dos investimentos em função do caixa e da geração de caixa. Disciplina financeira para um negócio como o nosso, sobretudo entrando em um ciclo de baixa, é fundamental.

Gazeta Mercantil - Isso em função dos altos investimentos exigidos nesse segmento?

Gradin - Sim, são investimentos muito altos. E as empresas não quebram porque têm investimentos altos, elas quebram por quebra do fluxo. Estamos assistindo empresas maravilhosas nos Estados Unidos entrando em concordata, não porque os ativos são ruins, mas porque perderam a linha do fluxo das dívidas que tem a pagar. Então nossa preocupação é se tem caixa. Hoje temos o suficiente para a pagar da dívida e o serviço dela por um ano e meio. Assim, se parássemos de produzir por um ano e meio, teríamos como pagar a dívida. Com isso nós somos capazes de manter uma relação com o sistema financeiro não só de confiança, mas uma segurança baseada no futuro.

Gazeta Mercantil - Como vocês conseguiram isso?

Gradin - Aliamos nosso desembolso para investimentos em função de créditos novos que conseguiremos especificamente para este investimento, ou da nossa geração de caixa, para que esta aplicação não tumultue a posição conservadora de manter o caixa numa situação confortável durante ciclos de baixa.

Gazeta Mercantil - O que definirá os próximos investimentos?

Gradin - Faremos um investimento de ampliação ou uma joint venture com outra empresa se conseguirmos ou que o fornecedor nos conceda prazos e equipamentos ou o comprador do nosso produto pré-pague pela mercadoria. Aí continuamos, desde que tenha um bom retorno. Investimentos com bom retorno vão continuar a ser prioridades. O que nós temos é a disciplina do caixa. Este foi o caso do plástico verde, que tem uma equação financeira própria e está sendo tocado exatamente como estava programado no cronograma, e também do projeto de ETBE, que está sendo tocado porque temos um cliente na Ásia que se dispôs a pré-pagar parte dessa compra mantendo atratividade do investimento e dando solução de financiamento para o investimento (A Braskem assinou um contrato de longo prazo com a Sojitz Corporation para o fornecimento do Ethyl Tertiary-Butyl Ether, um bioaditivo automotivo, num contrato que envolve 120 mil toneladas ao longo de três anos).

Gazeta Mercantil - E os planos de investimentos externos como ficam? Vocês continuam interessados na Venezuela e na Bolívia?

Gradin - Os planos continuam como sempre estiveram. As pessoas com quem tratamos na Pequiven (Petroquímica da Venezuela) são muito preparadas e os acordos que conseguimos são acordos técnicos com cronogramas técnicos também. Parte desses cronogramas inclui o financiamento do projeto, que será feito por fornecedores de equipamentos, por órgãos multilaterais e serviços. A medida que estes financiamentos são colocados no tempo o projeto se mantém no cronograma. Nós já tivemos autorização para um investimento original de US\$ 98 milhões para equipamentos. O projeto total está orçado em US\$ 1,2 bilhão, e ele é mais do que estratégico para a Braskem. É fundamental para o nosso posicionamento na região. Tanto por diversificação da matéria-prima como para entrada no mercado norte-americano.

Gazeta Mercantil - E na Bolívia?

Gradin - A Bolívia também é importante, porque a Braskem tem uma orientação estratégica de se posicionar onde houver matéria prima disponível competitiva na região. E hoje essa matéria prima está disponível na Venezuela, no Peru e na Bolívia. E nestes três lugares a Braskem se posicionou, onde acreditamos que tenhamos soluções estratégicas. Os prazos sim é que tem uma definição mais ampla.



leia!

boletim informativo do Siresp

Gazeta Mercantil - Toda essa estratégia faz parte dos planos de internacionalização da Braskem?

Gradin - Estamos completando um ciclo de consolidação na região. Além da consolidação dos ativos no Brasil, ainda buscamos novos projetos e ativos na Venezuela, Peru e Bolívia. Essa será nossa plataforma de globalização.

Gazeta Mercantil - Os planos dessa internacionalização para 2020 serão adiados?

Gradin - Teremos uma reunião com acionistas no meio do ano onde confirmaremos a Visão 2020.

Gazeta Mercantil - Quanto vocês vão investir em 2009?

Gradin - Temos volume previsto de R\$ 900 milhões. Isso representa desembolsos que começam e nem sempre terminam neste ano. Os projetos totais podem ser maiores que isso, mas este ano só vou desembolsar esse valor e a cada ano avaliamos isso. Isso se refere a aquisições, reposição, ampliação de capacidade etc. Por isso quando me perguntam quanto vamos investir, falo sobre o desembolso do ano.

Gazeta Mercantil - Quais as oportunidades que surgem com a crise?

Gradin - Há muitas oportunidades extraordinárias por aí, muitas. Mas também não tem almoço de graça. Parte da razão de ter ativos baratos é porque não tem financiamento barato ou caixa disponível. E se eu usar meu caixa para comprar um ativo desses eu posso estar trazendo mais problemas do que oportunidades. O que não quer dizer que também não haja oportunidades para que nós não busquemos soluções para aquisição de novos ativos. Isso faz parte do DNA do empresário. 2009 deve ser um ano de grandes consolidação, não só do setor petroquímico, mas em praticamente todos os setores produtivos. Vamos ter até por necessidades de financiadores. Nós tivemos tanta abundância de crédito e esse crédito farto sumiu de uma hora para outra que os próprios bancos credores vão buscar soluções com quem pode pagar. Acho que vem aí oportunidades positivas para quem tiver ousadia e capacidade financeira compatível com o risco que quer assumir e com muita oportunidade de bons ativos.

Gazeta Mercantil - Quais oportunidades interessariam a Braskem?

Gradin - Estamos atentos às oportunidades do setor petroquímico, mas como uma jibóia, estamos ainda consolidando os ativos do Sul (adquiridos). Apesar de termos uma dívida alongada em quase 11 anos e um fluxo de caixa confortável, nós vivemos um ciclo de baixa.

Gazeta Mercantil - Vocês tiveram uma boa dianteira na consolidação enquanto isso a Quattor ainda estava se estruturando. Mas agora que a empresa já está praticamente pronta para concorrer como será essa competição?

Gradin - Acho que vamos respeitar a Quattor, porque é uma empresa com ativos excelentes e tem a Petrobras de sócia, assim como nós. As pessoas que trabalham lá são ótimos empresários e teremos um respeito recíproco. Mas a Petrobras tem um compromisso de isonomia e não pode dar tratamento preferencial a nenhuma das partes.

Gazeta Mercantil - A Braskem está com capacidade ociosa?

Gradin - A Braskem está com capacidade ociosa em função da crise e o ideal é que exportemos porque o mercado brasileiro não comporta. Resinas termoplásticas são excedentes no Brasil. São mais de 600 mil toneladas de polietileno e polipropileno, um volume enorme. Isso significa que a cadeia termoplástica tem se colocado à frente da demanda brasileira. Mais uma razão pela qual qualquer anúncio de nova capacidade na região inibe novos investimentos. Mas também é um sinal de comprometimento da indústria em abastecer o mercado regional.

Gazeta Mercantil - Vocês deixaram o mercado de PET, tem outro segmento que vocês estão avaliando deixar?

Gradin - Inicialmente não. No mercado de resinas polietileno e polipropileno são segmentos estratégicos para nós.

Expediente

O **Leia!** é produzido com base em leituras de jornais, revistas, agências e sites de notícias, boletins corporativos dos principais setores ligados à petroquímica, reuniões e eventos realizados na Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp).

Comitê editorial

Presidente: Vítor Mallmann
Rosana Paulis e Eduardo Sene - Assuntos Fiesp/Siresp
Marcio Freitas - Editor
Isabela Barbosa e Sandra Cruz - Redação
David Freitas - Diretor de arte
Roberta Provatti - Jornalista responsável - MTB-24197/SP

Acesse nosso site
Clique aqui
www.siresp.org.br